

Da marginalização à homonormatividade: construção de práticas e identidades lésbicas a partir da telenovela “Vai na fé”¹

Raabe Cesar Moreira BASTOS²

Gabriela Santos ALVES³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

A pesquisa analisa como tem se dado as lesbianidades na telenovela brasileira “Vai na fé”, 2023, percebendo a homonormatividade aplicada às práticas e identidades lésbicas. A telenovela tem como trama em um de seus núcleos as personagens Clara e Helena. O pressuposto se dá tendo em vista a capilaridade das telenovelas brasileiras na sociedade do país, de maneira a apresentarem-se como representação do cotidiano, produzindo e reproduzindo valores éticos, morais e estéticos. A análise faz uma amarra entre teóricas e teóricos referentes às lesbianidades, homonormatividade, feminismos e Comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: telenovela; Vai na fé; lesbianidades; homonormatividade; identidades lésbicas.

INTRODUÇÃO

Adrienne Rich (1980), reivindica, em suas teorias, a noção de continuum lésbico, argumentando que o termo "lésbica" foi tomado pelo patriarcado, apresentando a ideia de que o termo abarcaria não apenas as mulheres que mantêm relações sexuais ou sentem desejo por outras mulheres, mas ainda outras configurações sociais. Porém, tal abordagem encontra críticas por parte de outras feministas, como Rubin (2017) e Wittig (2022), a respeito da ampliação demasiada do termo, podendo deslegitimar desejos e experiências de mulheres. Estes debates por significados geraram, ainda, outra questão: até que ponto as lesbianidades têm continuado como outra maneira política de ser e estar no mundo? Vê-se que, a cada dia, as lutas LGBTQIA+ têm sido tomadas pela homonormatividade, termo que diz sobre os limites da assimilação liberal dos corpos de sexualidades e gênero dissidentes, baseando-se na noção de heteronormatividade,

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – II04 – Comunicação Audiovisual, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Graduanda e bolsista, pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes), de Iniciação Científica do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: raabebastos19@gmail.com;

³ Orientadora do trabalho. Pós doutora em Comunicação e Cultura (Eco/UFRJ). Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades (UFES). E-mail: gabriela.alves@ufes.br.

compreendida como gestão de vidas e desejos em norma hétero e monogâmica, sendo a homonormatividade tomada por tais parâmetros, estando as vivências LGBTQIA+ assimiladas e com cidadania precarizada (QUINALHA, 2022).

Lisa Duggan (2002) esclarece a homonormatividade a partir da heteronormatividade, sendo um conjunto de características da população gay e lésbica que tornaria a homossexualidade aceitável. De acordo com a autora, em alguns países, onde o movimento LGBTQIA+ é mais expressivo, emergiu um modo de ser gay e lésbica que não contesta mecanismos da heteronormatividade, os apoiando e os fortalecendo com suas práticas e identidades. Como exemplo, tem-se o consumo, o casamento, a procriação e a monogamia. Portanto, aceita-se uma homossexualidade, desde que atenda a determinados preceitos.

As disputas a respeito das lesbianidades, enquanto identidade e prática, perpassam amplas discussões que abrangem, também, a grande área da Comunicação Social, com ênfase nas telenovelas, pois estas têm ação pedagógica na sociedade, podendo possibilitar ou vetar vivências, de forma a atuar diretamente no horizonte do imaginário político-social. Paul B. Preciado, em entrevista concedida a Jesús Carrillo (2010), diz acerca da necessidade de entender os meios de comunicação como complexo aparato político e econômico, usufruindo de ampla influência. Por essa ótica, é possível compreender como, no Brasil, parte significativa dos atravessamentos a respeito de gênero e sexualidade são perpassados pelas telenovelas por seu lugar de destaque nas vivências brasileiras, portanto, sendo possível perceber as telenovelas como tecnologias sociais, remetendo como prática significadora e de sentidos, onde a produção discursiva é um dos seus ápices.

As interações das telenovelas com o cotidiano dos brasileiros propõe sentidos ao mundo, veiculando referências a partir de práticas discursivas que posiciona pessoas, assim, quando tais cidadãos assumem uma posição através de tal discursividade suas ações e ideias são guiadas portando o viés aprendido. Para Moran et al. (2003, p. 36) “Tudo que passa na televisão é educativo”, pois são formulações capazes de promover pensamentos, sejam estes positivos ou negativos, portanto, essa instância educativa é ainda mais evidente nas telenovelas, pois estas se apresentam como mediadoras entre as experiências do senso comum e as descobertas e relações entre pessoas e sociedade, possuindo ação pedagógica.

Sendo a mídia televisiva parte de uma rede de saberes, produzindo ideias sobre assuntos diversificados, participa do processo de estruturação das percepções sobre as lesbianidades, fazendo circular códigos, modelos e representações, assim, aproximando as esferas pública e privada em relação ao saber. Trata-se de pautar as discussões no âmbito privado, levando em conta que as telenovelas estão presentes em maioria das casas do país, para influenciar o público, pois estes cidadãos que consomem as narrativas são inseridos em lógica social que engloba comportamentos que afetam todo o corpo civil.

Perceber a veiculação de tais narrativas a partir das representações e das recepções faz perceber as mensagens produzidas pelo emissor, assimilando o poderio desses espaços sobre as lesbianidades, denunciando estruturas compulsórias em relação às sexualidades em suas práticas e identidades. Portanto, a partir de *Vai na fé*, 2023, observamos a homonormatividade nas vivências lésbicas.

LEBIANIDADES E TELENÓVELAS

Detentora da maior audiência dentre todas as emissoras do país, a TV Globo, canal aberto, dispõe de grande capilaridade na sociedade a partir de suas telenovelas, de maneira a penetrar as classes sociais em variáveis níveis, influenciando desde o imaginário social e político até o consumo dos brasileiros, “são produções complexas que incorporam discursos sociais e políticos” (KELLNER, 2001, p. 13). A matriz cultural das telenovelas as naturalizou, apresentando-se como uma “ação pedagógica implícita” e espontânea ativada pela correspondência entre o habitus do mundo narrado e do vivido (BOURDIEU, 1975). São ações pedagógicas explícitas carregadas de explicações, conceituações e definições que buscam a verossimilhança com o social, sendo dotada de mensagens com possibilidade de manter ideologias.

As narrativas veiculadas pelas telenovelas globais estão colocadas na sociedade como representação do cotidiano, produzindo e reproduzindo valores éticos, morais e estéticos a respeito das temáticas que aborda, engendrando locais de possibilidades para os públicos. Porém, é necessária a observação de que tais discursos são provenientes de recortes posicionados de maneira a reforçar crenças e estereótipos que são de valia para os que estão no controle de tal canal, pois a partir da vigilância do que pode ou não ir à

público se tem domínio sobre as limitações do horizonte político imaginário da população. A televisão “tira seus assuntos, agendas, eventos, equipes e imagens da audiência, de outras fontes e formações discursivas dentro do contingente da estrutura sociocultural e política mais ampla da qual a própria televisão faz parte diferenciada” (HALL, 2003, p. 369).

Os empreendimentos pedagógicos das telenovelas nas subjetividades dizem sobre afetos que geram sentidos, tornando-se a tecnologia aplicada à sexualidade como dispositivo complexo de poder e saber que utiliza textos, discursos, leis e regras diversas que tem entre os seus objetivos, o da disciplina do corpo (FOUCAULT, 2021). Preciado (2017) aponta que tais tecnologias são comunicacionais, pois a televisão propicia “milhões de espectadores compartilhem uma experiência ao mesmo tempo, comunitária e desencarnada” (PRECIADO, 2017, p. 164).

O espaço simbólico das telenovelas constroem e reconstroem sentimentos, valores, emoções, fantasias e sexualidades, acionando no imaginário papéis de normalidade/anormalidade, heterossexualidade/homossexualidade, masculino/feminino, atividade/passividade (MIRANDA, 2011). As telenovelas brasileiras têm um papel notável na construção do imaginário social e político da população, sendo estruturante de subjetividades. O fato de tais narrativas estarem postas no cotidiano como vitrine da vida faz com que assumam uma função explícita de intervenção em histórias. A reprodução de valores éticos, morais e estéticos implicam ações e reações por parte do público em relação aos corpos que tocam.

O formato das telenovelas legitima definições e noções sobre o mundo, são elaborações que categorizam pessoas, práticas e identidades através de formas de tratamento, inclusão e exclusão. São feitura que englobam linguagem e imagem, efetuando uma composição a respeito de determinados modo de ser e estar socialmente, de maneira a vincular padrões tidos como certos ou errados, são formações de exploram expressões de subjetividades para gerar normas.

A partir da TV Globo se faz possível um mapeamento das telenovelas as quais existiam mulheres que se relacionavam com outras mulheres: “O Rebu” (1974): Glorinha e Roberta; “Os Gigantes” (1979): Paloma e Renata; “Malu Mulher” (1979): Maria e Malu; “Torre de Babel” (1998): Rafaela e Leila; “Mulheres Apaixonadas” (2003): Rafaela e Clara; “Senhora do Destino” (2004): Jenifer e Eleonora, “Em família”

(2014): Clara e Marina, “Babilônia” (2015): Estela e Teresa, “Malhação: Viva a Diferença” (2017): Lica e Samantha, “As five” (2020): Lica e Maura; “Um lugar ao sol” (2021): Ilana e Gabriela, “Vai na fé” (2023): Clara e Helena.

É palpável um certo recorte das lesbianidades nessas obras, sendo possível uma observação de como se estabeleceram os casais sáfcicos nesses meios. Preciado propõe a análise dos “meios de comunicação como tecnologias de produção do visível ocupam hoje uma posição disciplinante que supera amplamente aquela outorgada por Foucault à medicina, à instituição penitenciária ou a fábrica do século XIX” (PRECIADO apud CARRILLO, 2010, p. 65), portanto, possuindo poder sobre as lesbianidades e seus desdobramentos em sociedade, sendo as telenovelas tecnologias sociais que geram idealização coletiva.

Posto isso, na década de sessenta, houve o primeiro beijo lésbico — consta também como o primeiro beijo entre pessoas mesmo sexo — na televisão brasileira, mais especificamente na TV Tupi, entre Karen e Martha, em “Calúnia” (1966). Desde então, os casais de mulheres que têm estado em narrativas são perpassados por noções que dizem mais da norma do que fora dela, são construções que reproduzem padrões heteronormativos nos casais de mulheres.

A título de exemplo, a telenovela “Os gigantes”, 1979, iniciou-se trazendo em um de seus núcleos um casal formado por duas mulheres, porém, a trama foi cortada do roteiro sem grandes explicações por parte da produção. No mesmo ano, outro caso é emblemático: em “Malu mulher”, no episódio “A amiga”, a personagem Maria sofre um assédio sexual partido de seu chefe, então, se aproxima de Malu e demonstra interesse afeivo-sexual, o ponto aqui se trata justamente da constatação de que nunca existiu nas telenovelas brasileiras o relacionamento de duas mulheres que, de alguma forma, não se ligue a ação de algum homem, trata-se do veto à elaboração de si para além de certo controle do masculino.

“Senhora do destino”, 2004, contava com o casal composto por Jenifer e Eleonora, e quando a novela retornou ao ar em “Vale a Pena Ver de Novo”, 2017, a história das duas foi cortada, realizaram o total apagamento do que há muito já não era o suficiente em matéria de representatividade. Na trama de “Em família”, 2014, a personagem Clara é casada com um homem que divide parentalidade, porém, conhece Marina e elas se apaixonam, em toda a narrativa o que se passa são os questionamentos

de Clara entre o marido e Marina. É de extrema importância pontuar que todo esse desenrolar não é tratado com bissexualidade, mas como desvio, são construções que passam ao público a noção de que ela estaria escolhendo Marina em detrimento da família. Também é importante indicar que todas as mulheres apresentadas são padrão, portanto, o reforço à norma: magras, novas e majoritariamente brancas.

Quando não são mortas ou cortadas das telenovelas, as mulheres que se relacionam findam suas narrativas com casamento e constituição de família aos moldes heteronormativos. Wittig (2022) apontava a problemática desse sistema que é perverso sobre vidas lésbicas, onde presume certo grau de heterossexualidade em todas elas, posicionando suas existências na obrigatoriedade do casamento e da maternidade compulsória por seu lugar de mulher. São normas sociais que impõem invisibilidade dos desejos e autonomias lésbicas para que o padrão heteronormativo se constitua ainda que em corpos dissidentes.

VAI NA FÉ

Entender o processo pelo qual passou a homossexualidade feminina é apreender como tem se dado as lesbianidades: da invisibilização à marginalização, passando pelo fetichismo e, então, chegando a homonormatividade. A visibilidade dos relacionamentos entre mulheres é de valia para a comunidade, mas se faz necessária a observação do que tem sido endossado por essas narrativas em telenovelas, entendendo a influência televisiva em subjetividades.

Transmitida pela Rede Globo às 19:30, a telenovela “Vai na fé”, 2023, da autora Rosane Svartman, tem batido recordes de audiência se comparada às últimas narrativas veiculadas no mesmo horário (O GLOBO, 2023). O folhetim tem as personagens Clara e Helena em um de seus núcleos, elas se conheceram na academia e iniciaram um relacionamento afetivo-sexual. A trama tem sido aclamada por mulheres que se relacionam com mulheres justamente pela falta de representatividade nesses meios, porém, se faz necessária a observação a respeito de como tem se dado essa visibilidade, questionando normas advindas da heteronormatividade que podem formar uma homonormatividade.

O relacionamento das personagens inicia-se com a aproximação de ambas na academia onde Helena é professora de Clara, elas se aproximam quando o casamento de Clara com Théo está passando por intensas dificuldades, tornando Helena um ponto de segurança, gerando, então, a relação entre as duas mulheres. No decorrer do folhetim, elas iniciam um namoro que se desenvolve ao longo da trama, onde participam integralmente da vida uma da outra, planejando futuros juntas, sendo esta construção de importância, visto que traz à luz maneiras de ser e estar lésbica.

O que nos interessa para a pesquisa trata-se do fato de que as personagens, que são lésbica e bissexual, performam noções de relacionamento que advêm da heteronormatividade, onde as conversas sobre os planos de ambas perpassam ideais como casamento, monogamia e família com fins de procriação. Vê-se que trata-se de do molde da heterossexualidade imposta aos corpos que fazem parte das lesbianidades, entendendo-as como práticas e identidades. A observação parte do lugar em que entende-se a experiência lésbica como maneira alternativa de vivência no mundo (Wittig, 2022). Enquadrar vínculos afetivo-sexuais em categorias que foram criadas pelo patriarcado, mantendo-se pela heteronormatividade, faz com que corpos dissidentes sejam engolidos por lógica liberal, onde há a tentativa de cercar experiências que se realizam para além do que determina a norma.

Na “roda dos prazeres” a sexualidade transita dos extremos “boa” e “má”, mantendo uma faixa de respeitabilidade que está totalmente referida a contextos distintos, são articulações de marcadores sociais que trabalham nas práticas sexuais (RUBIN, 2017). O estreitamento da margem de pensamento ativada por ativações de imagens e textos específicos se faz com as referências exteriores à narrativa da telenovela, sejam essas a respeito de práticas ou identidades, interferindo em histórias diversas da sociedade. São representações sociais que formam conhecimento prático, possibilitando o entendimento do contexto social. Portanto, mostram-se como uma configuração de conhecimento e pensamento sobre a realidade de determinado grupo, fazendo uso de imagem e discurso para simbolizar determinados comportamentos e relacioná-los a situações cotidianas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As telenovelas brasileiras têm um papel notável na construção do imaginário social e político da população, sendo estruturante de subjetividades. O fato de tais narrativas estarem postas no cotidiano como vitrine da vida faz com que assumam uma função explícita de intervenção em histórias. A reprodução de valores éticos, morais e estéticos implicam ações e reações por parte do público em relação aos corpos que tocam. O formato das telenovelas legitima definições e noções sobre o mundo, são elaborações que categorizam pessoas, práticas e identidades através de formas de tratamento, inclusão e exclusão. São feitura que englobam linguagem e imagem, efetuando uma composição a respeito de determinados modo de ser e estar socialmente, de maneira a vincular padrões tidos como certos ou errados, são formações de exploram expressões de subjetividades para gerar normas.

Compreender as lesbianidades como posições políticas no mundo faz entender que elas desestabilizam a ordenação da heterossexualidade, realizando deslocamentos no rompimento das relações de poder e realizações de desejos e dominação masculinos, destituindo a lógica patriarcal. Assim, o cunho político dessa sexualidade aplicados às telenovelas em suas visibilidades e invisibilidades demonstra o teor das narrativas veiculadas na televisão aberta, estando evidente as intenções quando determinadas maneiras de exercer as lesbianidades são transmitidas.

O embargo em relação às lesbianidades, colocando suas práticas e identidades na homonormatividade, esclarece como tem se dado as representatividades nas telenovelas, mediando relações sociais através da criação e manutenção de verossimilhança com o cotidiano. É necessária a observação a respeito das visibilidades em um produto de ampla capilaridade social, como são as telenovelas, para que os corpos lésbicos não sejam cooptados e assimilados em lógica liberal.

REFERÊNCIAS

AS five. Dainara Toffoli. TV Globo, 2020.

BABILÔNIA. Dennis Carvalho. TV Globo, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CALÚNIA. Wanda Kosmo. TV Tupi, 1966.

CARRILLO, Jesús; PRECIADO, Paul B. Entrevista com Beatriz Preciado. **Revista poiésis**, v. 11, n. 15, p. 47-71, 2010.

-
- DUGGAN, Lisa. The new homonormativity: The sexual politics of neoliberalism. **Materializing democracy: Toward a revitalized cultural politics**, v. 10, p. 175-194, 2002.
- EM família**. Manoel Carlos. TV Globo, 2014.
- ENTRE quatro paredes**. Walter Foster. TV Tupi, 1963.
- FOUCAULT, Michel. **Sobre a sexualidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- KELLNER, Denis. **Lendo imagens criticamente**: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In SILVA, T.T. (org) *Alienígenas em sala de aula. Uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1995, p. 104-131.
- MALHAÇÃO: Viva a diferença**. Paulo Silvestrini. TV Globo, 2017.
- MALU mulher**. Daniel Filho. TV Globo, 1979.
- MIRANDA, Marcelo. Mediações: telenovelas e sexualidades como elementos de condensações de sentidos híbridos entre a hegemonia e a resistência. **Razón y Palabra**, n. 77, 2011.
- MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos e BEHRENS, Marilda. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 7ª ed., Campinas: Papirus, 2003.
- MULHERES apaixonadas**. Manoel Carlos. TV Globo, 2003.
- O rebu**. Walter Carvalho. TV Globo, 1974.
- OS gigantes**. Régis Cardoso. TV Globo, 1979.
- PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- RICH, Adrienne. **Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence**. *Signs*, v. 5, No. 4, verão, 1980. P. 631-660.
- RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- TORRE de Babel**. Silvio de Abreu. TV Globo, 1998.
- UM lugar Ao Sol**. Lícia Manzo. TV Globo, 2021.
- “VAI na fé” marca melhor audiência de uma novela das 19h desde “Pega Pega”. **O globo**. 28 de mar. de 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/kogut/audiencia/noticia/2023/03/vai-na-fe-marca-melhor-audiencia-de-uma-novela-das-19h-desde-pega-pega.ghtml>. Acesso em: 26 de maio de 2023.
- VAI na fé**. Rosane Svartman. TV Globo, 2023.

VALE tudo. Aguinaldo Silva. TV Globo, 1988.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios.** Autêntica Editora, 2022.